

Operação já retirou 43 famílias das ruas

Marcello Xavier
Da equipe do **Correio**

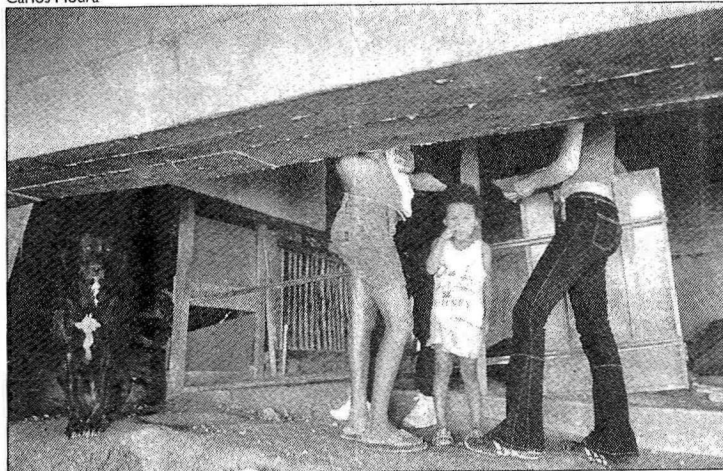
Os reincidentes que se cuidem. A coordenadora da operação do Governo do Distrito Federal para retirada de crianças da rua, Mariana de Fátima Pereira, está disposta a fazer valer a decisão judicial da Vara da Infância e Adolescência. No dia 17, o juiz Evandro Amorim acatou ação do Ministério Público para retirar das ruas do DF todas as crianças em situação de perigo. Desde a semana passada, o governo vem notificando famílias de sem-teto. Os pais já notificados que forem pegos novamente com seus filhos na rua podem ficar sem as crianças. Elas serão levadas para abrigos até que os responsáveis se restabeleçam. "Teremos que acatar a ordem judicial com os reincidentes", diz Mariana.

Os assistentes sociais visitarão,

amanhã ou quinta-feira, os locais fiscalizados na semana passada, a fim de encontrar reincidentes e novas famílias de sem-teto. Mas antes de voltar à Ponte do Braguito e ao Parque Ecológico Norte, na Asa Norte, pretendem ir ao Setor Sudoeste, no Cruzeiro, para vistoriar os prédios não acabados da construtora Encol. Segundo Mariana de Fátima, algumas famílias estariam usando os esqueletos como moradia. Os trabalhos param hoje por causa do feriado do Dia do Evangélico.

Em seis dias de trabalho, foram removidas 43 famílias. Pelo menos 143 crianças e adolescentes estão fora das ruas do DF. No sexto dia de operação, seis famílias saíram da área da Marina Sul, no Lago Sul. Outras três famílias, que ocupam a outra margem do Lago Paranoá, no Setor de Clubes Sul, já notificadas, permanecem no local até amanhã e quinta-fei-

Carlos Moura



Assistente social conversa com sem-teto: de olho em pais reincidentes

ra, quando serão retiradas. A maioria vai se transferir para casa de parentes.

Das famílias retiradas ontem, apenas uma mulher grávida e o filho foram levados para o Centro de Assistência Social (CAS), em Taguatinga. Embaixo da Ponte

das Garças, os sem-teto viviam em situação crítica. Mais de 20 pessoas, entre adultos e crianças, montaram barracos em péssimas condições de higiene, em meio a ratos, lixo, entulho e cachorros. "Não tenho para onde ir", repetia Lúcia de Alvarenga, 20 anos, com

o filho ainda sem nome — nascido há quatro dias — nos braços. A mulher veio de Várzea de Palma (MG) há quatro anos. Mãe de três filhos, morou em invasões de Taguatinga, Sobradinho, Riacho Fundo. Com a operação, mudou-se para a casa de parentes no Parque da Barragem.

MELHOR DO QUE LÁ

"Aqui é melhor do que lá", comenta Tânia Cristina Rodrigues Paganine, 25 anos. O "lá" fica no Parque da Barragem, onde a desempregada tem uma pequena casa, doada pela sogra. "Aqui, ganho dinheiro e comida das pessoas", explica. Tânia vivia com os filhos Diego, 3, e Israel, 10 meses, embaixo da Ponte das Garças há quase um ano.

A família foi removida ontem e preferiu voltar para o Parque da Barragem, mas para ficar na casa de parentes. Desempregada, Tâ-

nia não tem ajuda do marido. Ele está preso por homicídio.

A Fundação de Serviço Social estima que existam hoje mais de 290 crianças morando nas ruas — a maioria estaria no Plano Piloto. As famílias estão sendo levadas para o CAS enquanto as crianças desacompanhadas dos pais são removidas para o Centro de Recepção e Triagem (CRT).

Nos abrigos do governo, as famílias vindas de outros estados têm direito ao auxílio-passagem de volta para cidade de origem. Segundo a Secretaria da Criança e Assistência Social, 70% dos migrantes estão aqui só durante o período natalino. Quem mora no DF pode contar com o auxílio-aluguel, para montar moradia fixa. Para quem ficar no abrigo, a secretaria promete montar assistência para ajudar na reestruturação das famílias.